



A RESENHA CRÍTICA COMO CONTRIBUINTE PARA A FORMAÇÃO DE UM ALUNO-AUTOR

Rosaly Lopes¹

¹UFMG / MESTRADO PROFISSIONAL / FACULDADE DE LETRAS /
rosalylopes@ufmg.br

Resumo: O presente artigo é resultado satisfatório de um trabalho desenvolvido com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, da região nordeste de Belo Horizonte, visando à formação de aluno-autor. Para tanto, foi escolhido o gênero resenha crítica com vistas a não só ampliar a capacidade de argumentar por escrito, como também compreender a resenha como um gênero textual que apresenta informações e avaliações sobre o objeto resenhado. A escolha desse gênero não se fez de forma aleatória, é fruto de discussões em sala sobre diversos filmes e séries que permeiam o universo juvenil. Nessa perspectiva, o professor deixa de ser corretor e se configura como leitor.

Palavras-chave: Leitura, escrita, letramento.

1. Introdução:

O presente artigo apresenta o processo de produção e os resultados de aplicação de uma prática escrita, especificamente, a produção de uma resenha crítica, numa perspectiva de letramento, como contribuinte para a formação de alunos-autores, ou seja, aprendizes reflexivos, críticos, argumentativos, capazes de demonstrar autonomia no que tange o contato com a linguagem.

Nas últimas décadas, pesquisadores da área da linguagem marcaram mudanças teórico-metodológicas em âmbito escolar com a finalidade de levar o educando a um contato mais efetivo com sua língua materna, de forma que ele possa desenvolver práticas sociais de escrita, ou melhor, de interação com o texto em uma perspectiva



de autonomia e criatividade. Estas pesquisas marcaram a mudança de um ensino centrado nos aspectos formais de língua, na identificação e análise de unidades estruturais, para um ensino preocupado, principalmente, com a construção do sentido. Se antes, produzir textos na escola era entendido como um agrupamento de palavras e frases gramaticalmente corretas, ressaltam-se, agora, os aspectos socioculturais da linguagem, o estudo da oralidade, dos gêneros textuais, da leitura e da escrita, como processos de interlocução situados em contextos específicos de comunicação.

Sabe-se que a resenha é um gênero textual circulante na sociedade, cuja principal característica é tecer, de maneira breve, uma crítica sobre determinado assunto. A questão norteadora nesta pesquisa de cunho qualitativo é quais competências e habilidades um aluno de ensino fundamental II pode arregimentar durante a apreciação-leitura e escrita desse gênero, predominantemente, argumentativo. Cientes de que a competência leitora é uma das grandes metas do ensino, propor uma atividade que conduza o aluno à conquista dessa habilidade se faz pertinente para acompanhar as novas demandas da sociedade contemporânea, já que para essa produção o estudante precisa ler interpretar e, fundamentalmente, posicionar-se.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino de língua materna, privilegiando os gêneros como objeto de estudo e o texto como unidade de ensino-aprendizagem, trouxe contribuições para a mudança de paradigma que atualmente se observa em algumas práticas de ensino de língua voltadas para o letramento dos alunos. Todavia, de acordo com Marcuschi e Leal (2009), a situação do ensino de escrita ainda é crítica, porque a demanda do texto escrito a ser redigido no contexto escolar costuma atrelar-se a objetivos pedagógicos que desconsideram as funções e o modo de produção dos textos no



uso social da linguagem.

Ao discutir sobre o trabalho com a escrita, Antunes (2003) ressalta que existe de fato uma prática de uma escrita mecânica e periférica, centrada, inicialmente, nas habilidades motoras de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas, a quem afirma que não saber escrever seja equivalente a escrever com erros de ortografia. A autora ainda acrescenta que a prática de uma escrita artificial e inexpressiva, baseada em atividades de frases isoladas, sem qualquer perspectiva de ordem ou de progressão, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, é muito presente nas escolas. Há uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção. Dessa forma, trabalhar com a escrita de gêneros parece um caminho preciso e muito relevante, uma vez que concebe a língua numa perspectiva sociointeracionista, levando o educando a ter consciência acerca da escrita a ser produzida, dos possíveis destinatários e dos participantes da produção. Nessa concepção, faz-se importante explicitar claramente o contexto de produção dos textos a serem produzidos. Cada gênero a ser ensinado requer um percurso pedagógico distinto, pois não se trata apenas de compreender os seus aspectos formais, mas de refletir sobre as práticas sociais em que os gêneros, discursos e temas se inserem. Nessa concepção dialógica de língua, segundo Koch e Elias (2006), tanto aquele que escreve, quanto aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente - se constroem e são construídos no texto, que é considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais, interacionais. Nessa perspectiva, entende-se que o trabalho com as condições de produção dos gêneros textuais abre possibilidades para reverter o quadro atual do ensino de escrita em muitas escolas de nosso país.

3 METODOLOGIA

A análise da prática da produção textual, especificamente, da produção de uma



resenha crítica como contribuinte para formação de alunos-autores foi feita com alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola situada na região nordeste da cidade de Belo Horizonte- MG.

Primeiramente, foi feito um debate buscando compreender o espaço que a argumentação ocupa na vida dos aprendizes, fez-se um levantamento de gêneros argumentativos que circulam na sociedade e a partir daí a apresentação da resenha crítica como um gênero de persuasão. Posteriormente, uma seleção de objetos culturais pelos quais os alunos demonstraram interesse foi realizada. E em seguida passamos para as primeiras produções. O que, onde, como e por que escrevem foram as perguntas orientadoras que circularam durante as etapas de construção da produção final.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A escolha do gênero resenha crítica surgiu em meio a discussões sobre objetos culturais que nos cercam. O objetivo, a princípio, era trabalhar a argumentação oral. Indagações foram feitas no intuito de provocá-los à exposição oral. Cada um a sua maneira defendia este ou aquele objeto. As séries da Netflix figuraram como marca da turma de adolescentes do oitavo ano do Ensino Fundamental. Como estavam entusiasmados em “vender” a sua série favorita, apresentei-lhes o gênero resenha crítica e iniciamos a nossa jornada.

Segundo Geraldi (1997), a produção de textos deve ser o ponto de partida de todo o processo de ensino-aprendizagem da língua. Isso porque é no texto que a língua se revela em sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação, marcada pela temporalidade e suas dimensões. Além disso, pelo fato de o trabalho se dar em torno de um gênero que circula nas diferentes esferas de atividade humana, o ensino da escrita favoreceu



grandemente a ampliação das práticas de letramento. Fizemos e avaliamos análises de diversas resenhas. Organizamos um mural, em que além das resenhas, foi exposto um quadro com os traços encontrados nas resenhadas analisadas. Dessa forma, os alunos puderam identificar as características estruturais e funcionais do gênero; perceber a resenha crítica como um gênero textual da esfera jornalística cuja finalidade é convencer acerca de um objeto cultural. Construímos a primeira versão. Trocamos os textos. Ciente que essa geração é intitulada “nativos digitais”, as versões seguintes foram parar na tela do computador. Incrementamos a lista de verificação: os elementos seriam destacados com cores variadas. Quanto mais cores o texto recebido, mais próximo estaria da versão final. Entre muitas reescritas, chegamos à versão final. A seguir, passagens de uma resenha elaborada por uma aluna/autora:

Submissão ao Padrão Ocidental

Na quarta-feira, 22 de março, a franquia Netflix lançou o trailer da mais recente adaptação para um longa-metragem em Live-Action do mangá/animação japonesa Death note (caderno da morte), que será dirigido por Adam Wingard (igualmente diretora de Bruxa de Blain, 2016). [...] O trailer demonstra a grande americanização que sofreu a obra (apesar de já ser esperado) [...]. Isso ocorreu para a obra abranger um maior público no Ocidente e, conseqüentemente, obter maior lucro. J.S

Segundo Orlandi (2006), a escola seria o espaço onde os alunos, como sujeitos, possam assumir a responsabilidade pela sua produção textual, ou seja, tornarem-se autores. Nessa perspectiva, o trabalho com o gênero resenha foi bastante gratificante. Todos os alunos se envolveram, até mesmo aqueles que não “gostam” de escrever, que afirmam “não saber escrever” se sentiram motivados. Este estudo nas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II demonstrou que o aluno tem prazer de ler e escrever quando lhe é permitido escolher seus próprios textos. Isso acarreta no alunado o sentimento de autonomia, conseqüentemente, a formação de um aluno-leitor/ aluno-autor.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resenhas são textos que combinam duas finalidades: informar e persuadir. A partir desse gênero, os alunos propiciaram o escrever para convencer, não para serem avaliados. Percebemos que o processo de avaliação deve se orientar pela simples identificação de falhas, em função de parâmetros absolutos que julgam o certo e o errado. Ao desejarmos que nosso aluno seja autor de textos, que compreendam o funcionamento da escrita e o dominem efetivamente, faz-se necessário que a prática da escrita seja realmente significativa para esse aluno, que ele tenha o que dizer para quem dizer e por que dizer. Ficou claramente demonstrado que o momento de produzir textos deve compreender: prazer, motivação, trabalho e formalidade, respectivamente. É imprescindível resgatar o prazer de escrever por meios de propostas que privilegiem a vivência do aluno, ampliando, assim suas possibilidades de expressão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

GERALDI, Wanderley. *Portos de passagens*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2009. *Ler e escrever. Estratégias de produção textual*. São Paulo: Editora Contexto.

MARCUSCHI, Beth. E LEAL, Telma. *Produção de textos escritos: o que nos ensinam os LDP do PNL D, 2007*. In: Costa Val (org.) *Alfabetização e Língua portuguesa: Livros didáticos e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARCUSCHI, Beth. *Escrevendo na escola para a vida*. In Rangel, E. O. e Rojo, R. H. (orgs.) *Coleção Explorando o ensino - Língua Portuguesa*, Brasília, MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010.

ORLANDI, Eni. (org). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.